



VOLUME
2

Myla

1ª Edição

Produção:

Patrocínio:

Parceria:

Realização:



cia
de ideias



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Copyright ©2024 por Mariana Reade
Copyright das ilustrações © 2024 por Giro Girard
Copyright © 2024 por Cia. de Ideias

Todos os direitos autorais reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes ou a totalidade deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito dos detentores de direitos envolvidos.



e-mail: contato@ciadeideias.com

Instagram: @cia.deideias

Autoria, idealização e direção de projeto: Mariana Reade
Coordenação editorial: Michel Jamel
Editora responsável: Maíra Contrucci Jamel
Ilustrações e projeto gráfico: Giro Girard e Olavo Costa
Direção de produção: Milena Contrucci Jamel
Produção gráfica: Marcelo Santos
Direção de inclusão da diversidade e acessibilidade: Turma do Jiló
Produção de conteúdo acessível, vídeo com audiodescrição, libras e legendas: Cinema Falado Produções
Parcerias: Turma do Jiló, Editora Germinandi e Diversidadequemsomos
Produção e realização: Cia. de Ideias

Reade, Mariana

Quem sou eu?: Myla: volume 2 / autoria,
idealização e direção de projeto Mariana Reade;
ilustrações e projeto gráfico Giro Girard. —
1. ed. — Rio de Janeiro: Cia. de Ideias, 2024. —
(Quem sou eu?: diversidade na infância; 2)

ISBN 978-65-982780-1-4

1. Diversidade - Literatura infantojuvenil
2. Inclusão - Literatura infantojuvenil
3. Respeito - Literatura infantojuvenil
I. Girard, Giro. II. Título. III. Série.

24-195370

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code para ter acesso a vídeos deste livro contendo ferramentas de acessibilidade.



cia.
de ideias

Mensagem do patrocinador

Pensar na trajetória da humanidade é reconhecer que, em muitas circunstâncias, as pessoas saem de seus territórios originários por diferentes motivos. É importante lembrarmos que muitos são obrigados a migrar devido às guerras ou a situações de violência, ou seja, nem sempre a migração é voluntária. Em muitos casos, é a única opção possível...

Os refugiados enfrentam vários desafios, incluindo a falta de abrigo adequado, acesso limitado a cuidados de saúde, educação e emprego, bem como a discriminação e dificuldades no processo de integração numa nova sociedade.

Com o Sr. Antranig Guerekmezian, pai do Sr. Hagop Guerekmezian e fundador da Karina, não foi diferente. Em condições semelhantes, ele deixou a Armênia em 1916 e firmou sua pátria no Brasil. Aqui, encontrou paz, estabilidade e a oportunidade de um recomeço digno e próspero.

A vida de uma criança deve ser considerada muito mais importante e valiosa do que a sua nacionalidade. Apoiar e acolher são atitudes que transformam vidas. Esse projeto é uma forma de retribuir tudo o que o Brasil fez pela nossa família, uma maneira de ressignificar a nossa história e ajudar a construir um mundo mais solidário.

Desejamos uma leitura transformadora!



www.karina.com.br



Para Clarisse e Nick,

Com enorme carinho e gratidão por terem me recebido neste planeta com todo o amor incondicional. Obrigada pela presença de sempre, pelo amor e confiança!

Para Tia Kitty e Dom Geraldo,

Por terem me dado tanta fé e coragem. Obrigada, meus eternos mestres, por terem me ensinado a enxergar o melhor de cada pessoa!

Para Tia Bel, Tia Denis, Tia Noêmia e Tia Pri,

Obrigada por me trazerem tanto acolhimento e alegria. E por serem tão presentes, desde a infância até hoje!

Para todas as crianças que precisam fugir de qualquer guerra,

Que encontrem adultos capazes de protegê-las. E que Fada Sofia sempre esteja com vocês!

Apresentação

Quando minha segunda filha nasceu com síndrome de Down, senti a necessidade de escrever uma carta para amigos e familiares contando como estávamos felizes com a sua chegada. Entendi rapidamente que precisava “dar o tom” se não quisesse ouvir comentários que não combinavam com nosso estado de espírito, como “sinto muito”. Em um mundo onde ser “diferente” ainda pode ser visto com espanto, eu queria falar sobre a importância da inclusão.

Quando ela tinha 3 ou 4 anos, crianças me perguntavam por que Carolina não falava direito e eu explicava sobre o cromossomo extra. Na mesma época, fazia um programa de leitura com ela e comecei a escrever livros caseiros. Eram dois por semana, e, em alguns, ela era a protagonista. E foi assim, entre a necessidade de responder perguntas de crianças e o programa de leitura, que escrevi o primeiro livro desta coleção.

Na minha adolescência, por acaso, comecei a sentir empatia pelos “diferentes”, a questionar preconceitos e estereótipos e a debater visões de mundo excludentes. Afinal, quem é normal e quem é diferente? *Quem Sou Eu?* é o mote para trazer esse questionamento. Não posso ser definido apenas pela minha cor, origem ou número de cromossomos. As pessoas são muito mais que uma ou outra característica. Independente de nossas origens sociais e genéticas, devemos ser vistos como indivíduos.

As quatro histórias dessa coleção têm como protagonista uma menina “diferente” e são conduzidas sob o ponto de vista de uma criança que enxerga o mundo através de um olhar curioso e infantil. Por que as coisas são do jeito que são?

Não podemos aceitar a divisão entre “normal” e “diferente”, mas devemos assumir que lidamos com formas dominantes e não dominantes. Crianças sofrem preconceito e exclusão de diversas formas e eu queria contribuir com essa discussão, criando livros infantis que abordassem características “não dominantes”.

Para que nossa sociedade se torne inclusiva, é importante que a aceitação da diversidade comece na infância. Dessa forma, eu queria trazer reflexões sobre nosso comportamento para com o outro e colaborar para a construção de um olhar que reconheça que uma criança “diferente” não deve ser apenas abraçada pelos que estão em seu entorno, mas ser fonte de ensinamento sobre como lidamos com os outros e vivemos em sociedade!

Mariana Reade

Prefácio

Numa tarde quente em Brasília, recebi um convite inesperado da Mariana Reade (Nana, como ela mesma gosta de ser chamada) para escrever o prefácio de um livro mais do que especial. Confesso que me senti lisonjeada pela confiança depositada em mim e na mesma hora aceitei o convite.

Conheci a Nana na preparação da cerimônia das experiências vencedoras do Pacto Contra a Fome, uma mulher sensível, amorosa, acolhedora em todos os sentidos e de uma sabedoria imensa do coração.

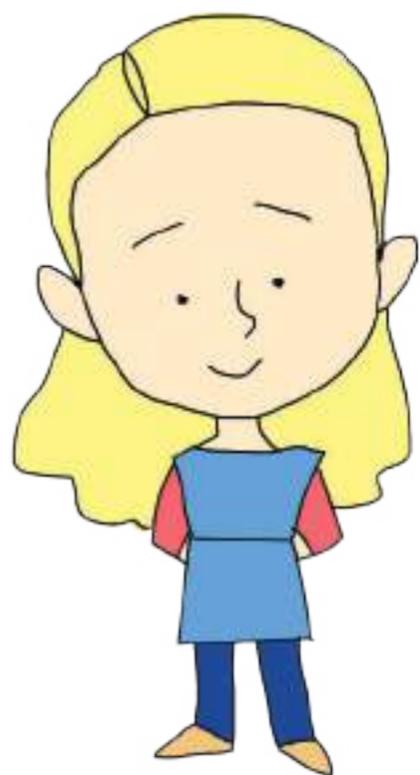
Quem sou eu? – Myla nos convida a mergulhar em águas mais profundas, a migração forçada, as guerras, a separação, a dor, a saudade, um novo país, uma nova língua, uma nova cultura, novos amigos, acolhimento, inclusão e esperança.

“Crianças são como águas, ocupam todos os espaços”, isso faz todo sentido. Acredito que a história de Myla e Fada Sofia ocupará todos os espaços do seu coração, assim como ocupou o meu, nos tornando,

assim, mais humanos. Afinal, somos todos e todas Migrantes.
Obrigada, Nana!

Valquíria Lima

Diretora Executiva Nacional da Cáritas Brasileira



Era um dia pêsego.
Nos dias pêsego, eu subia
na minha Árvore-Madrinha
e comia pêsegos.



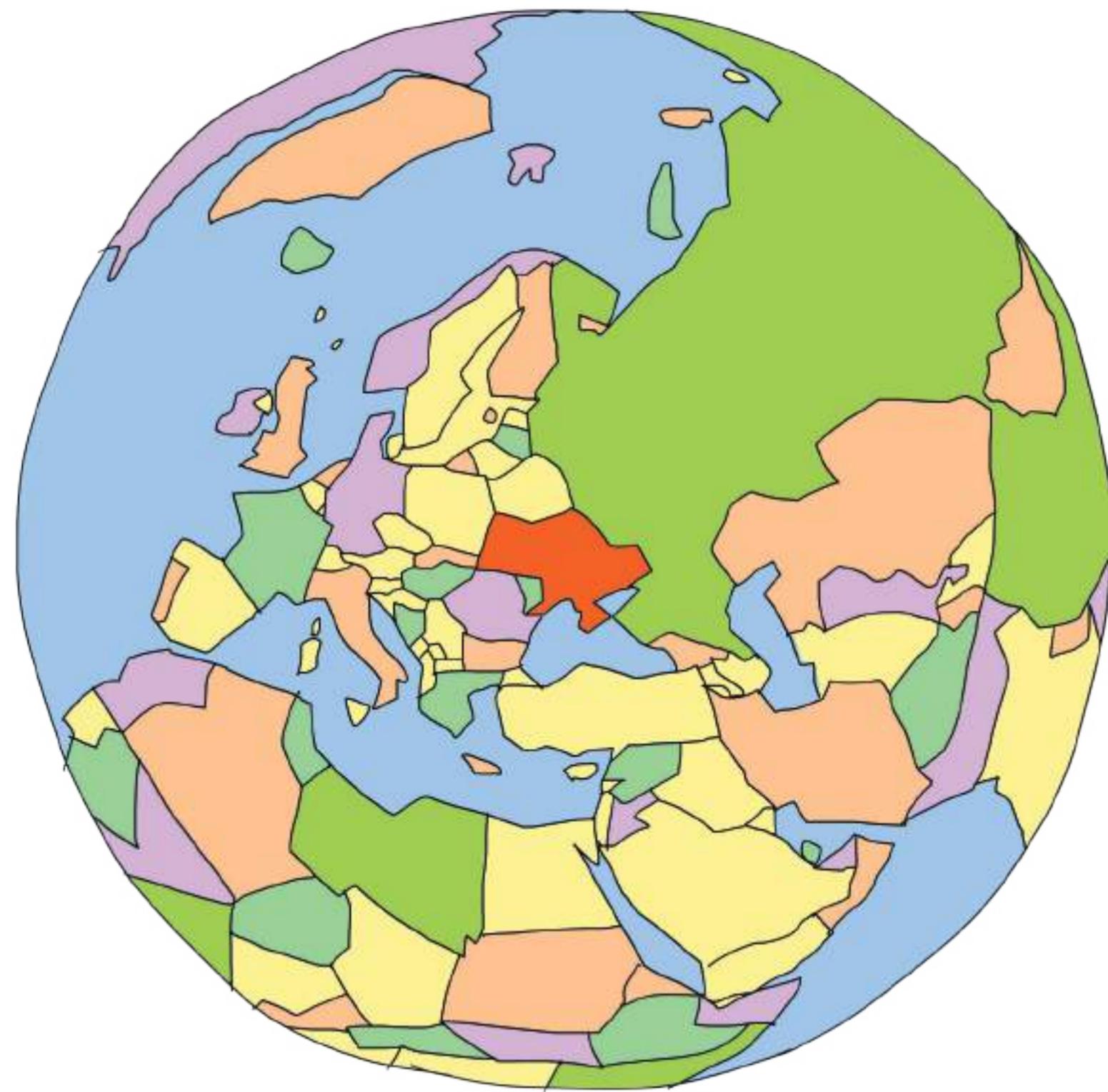
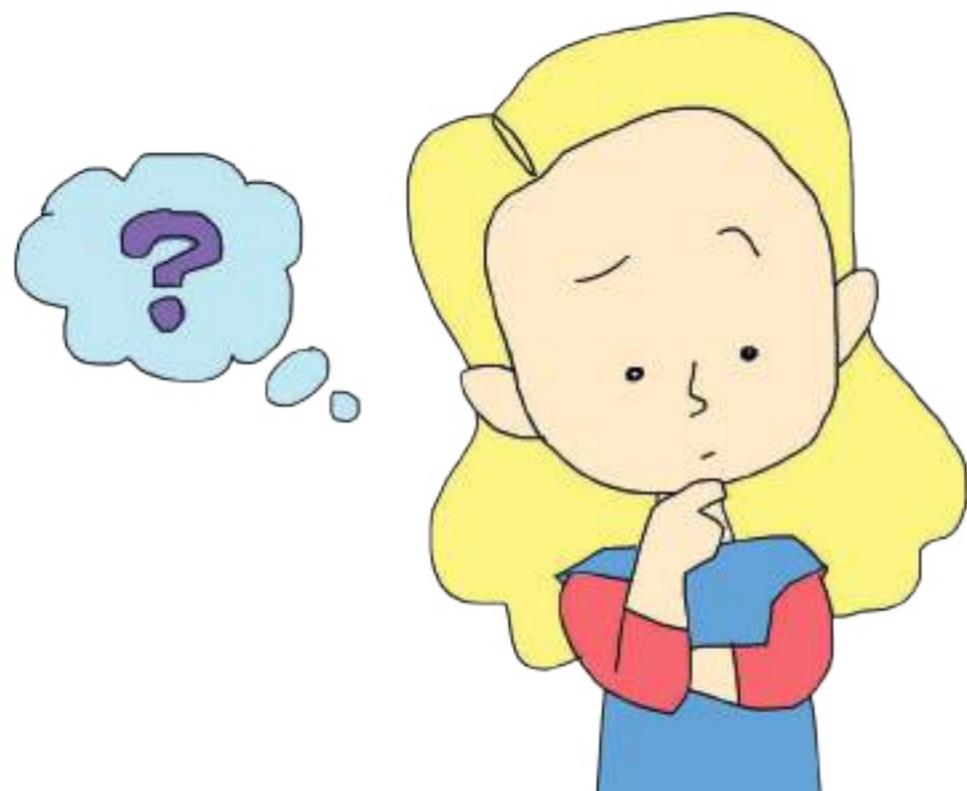
Fada Sofia sempre vinha me visitar. Ela é pequenina, tem asas amarelas e sabe viajar por todos os tempos e espaços do nosso planeta!



Eu me chamo Myla. Cheguei ao planeta há oito anos. E resolvi contar para vocês – bebês que estão no céu esperando para nascer – como é a vida na Terra para quem precisa sair de uma guerra. Não nos ensinaram sobre isso no curso de preparação para vir para cá.

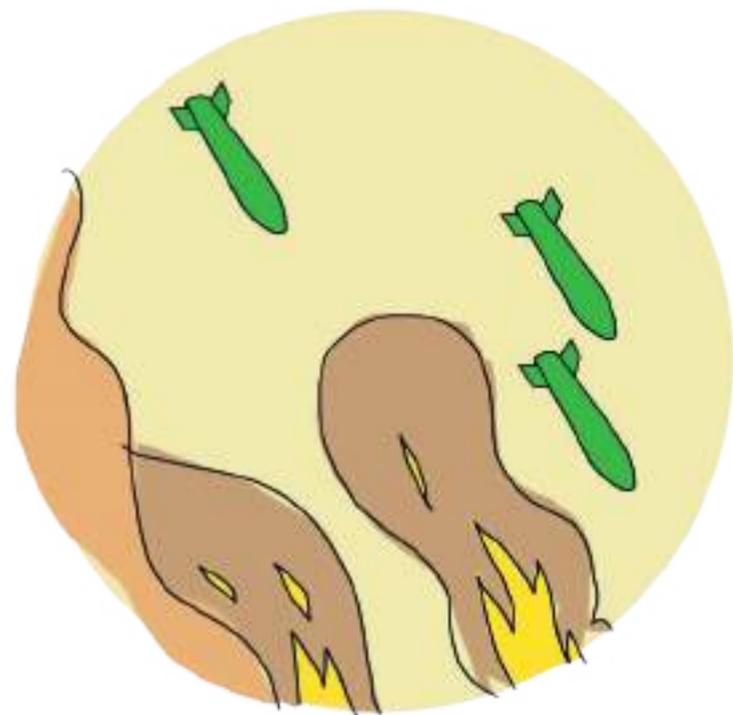


Resolvi contar porque os adultos criam muita confusão por aqui. Em primeiro lugar, eles não entendem que o planeta é o planeta. Eles criaram uns desenhos bem esquisitos e um grupo de pessoas manda em cada desenho. Eu ainda não entendi muito bem como isso funciona.



Eu morava com Mamãe, Papai,
minhas irmãs Tathiana e Irina, nossa
avó Natalia e nosso cachorro Bob.
Na nossa casa, tinha um jardim bem
pequeno, nele morava a minha
Árvore-Madrinha, o Pessegueiro.



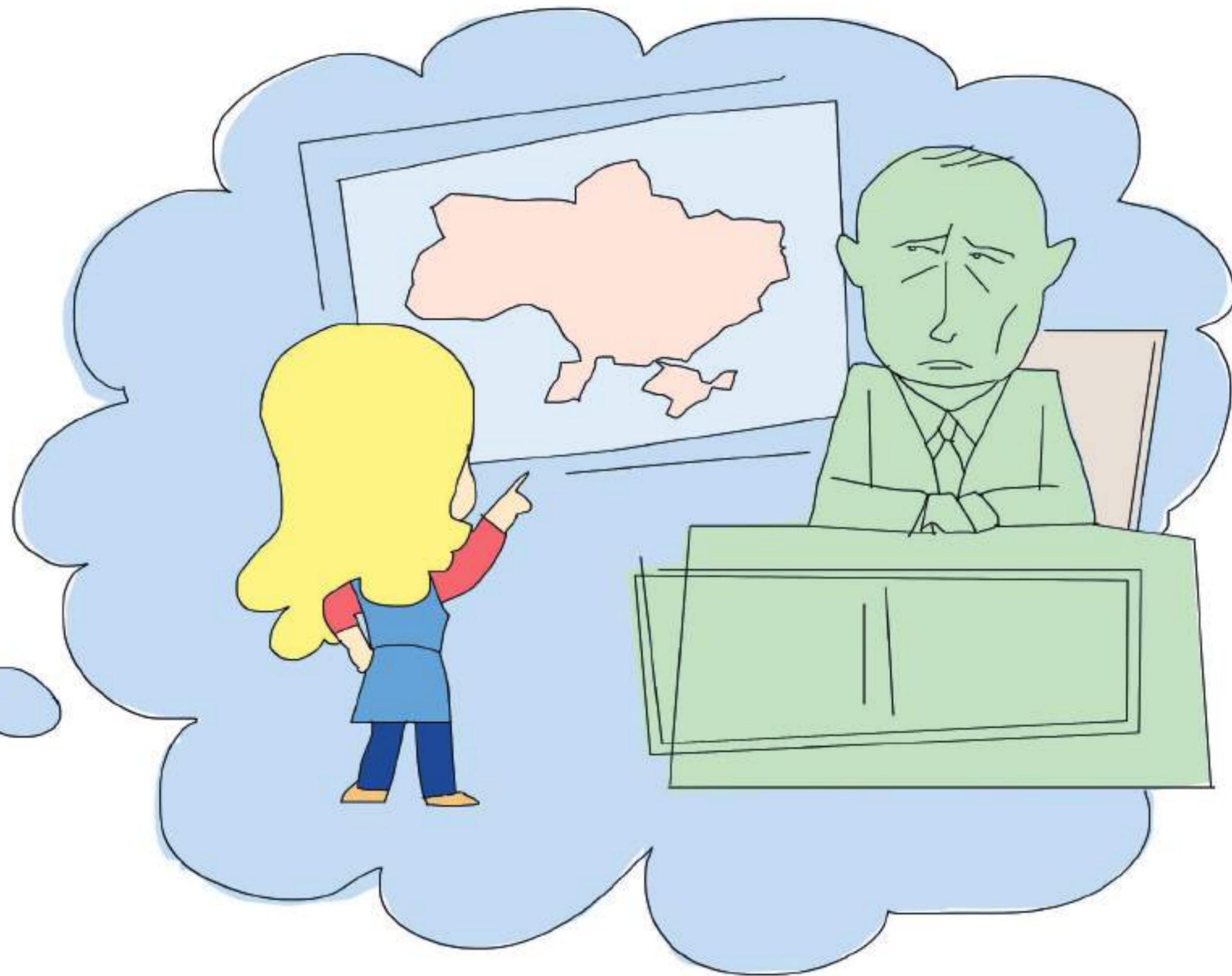


Até que um dia, um desses homens que manda em um desenho começou uma enorme briga. Os desenhos se chamam países e onde eu morava se chama Ucrânia.



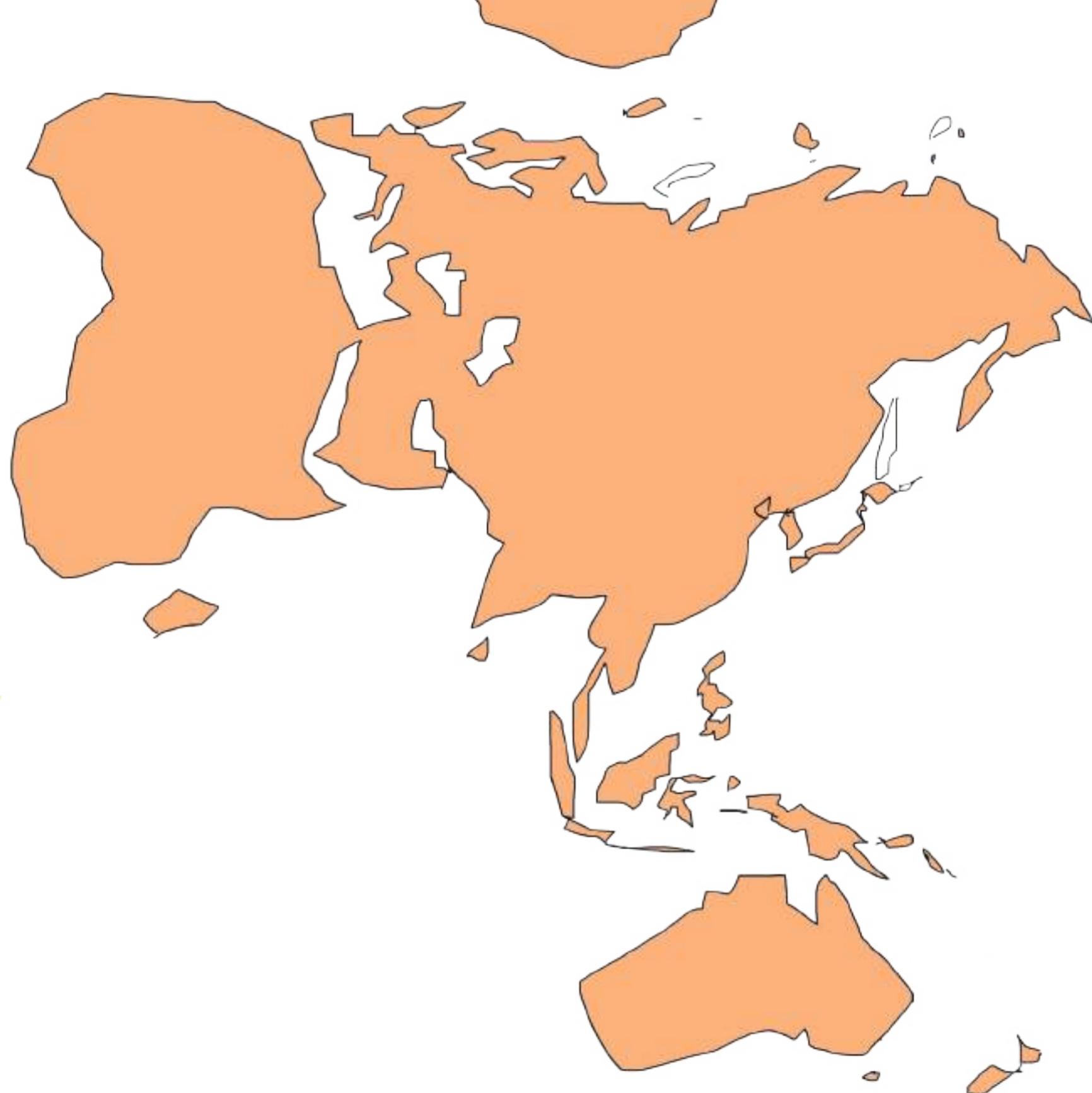
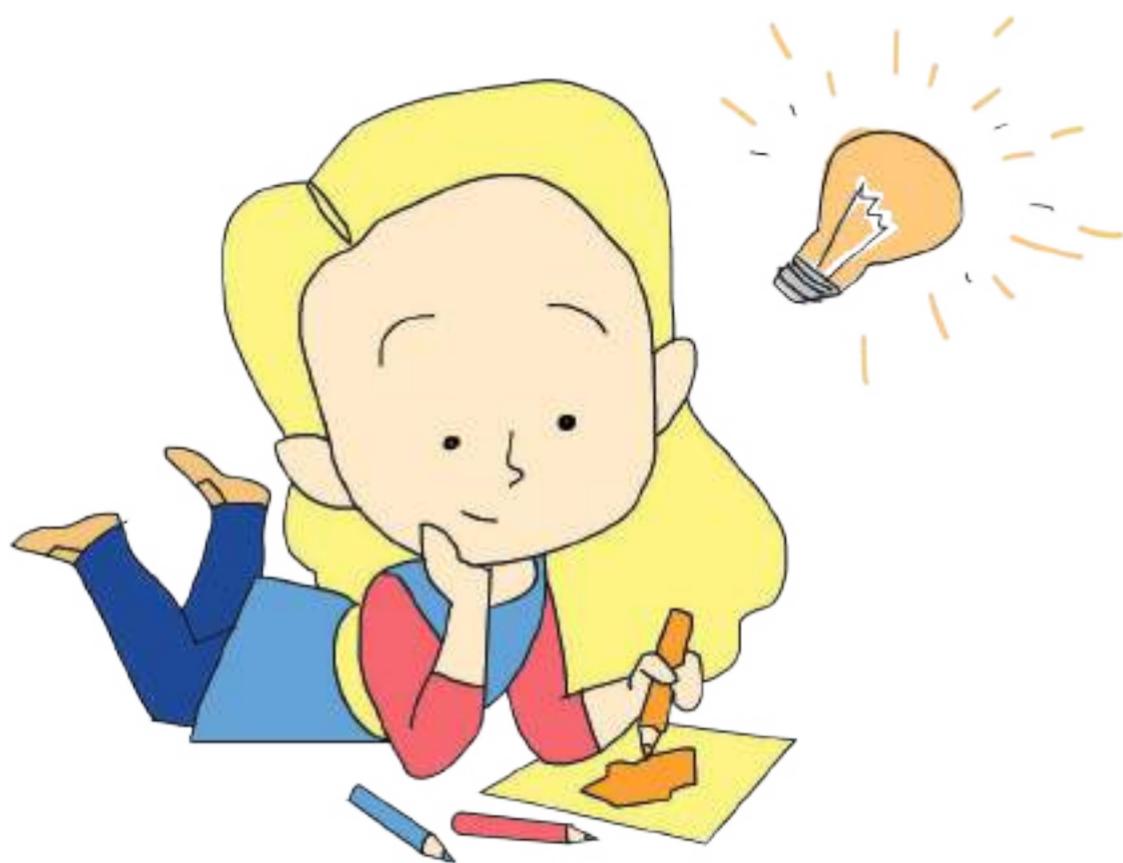
O homem do desenho do lado não queria apenas o pedaço dele, queria aumentar o seu desenho.

Os adultos dizem que os desenhos têm dono, que o mundo tem dono e fazem muita confusão por isso.



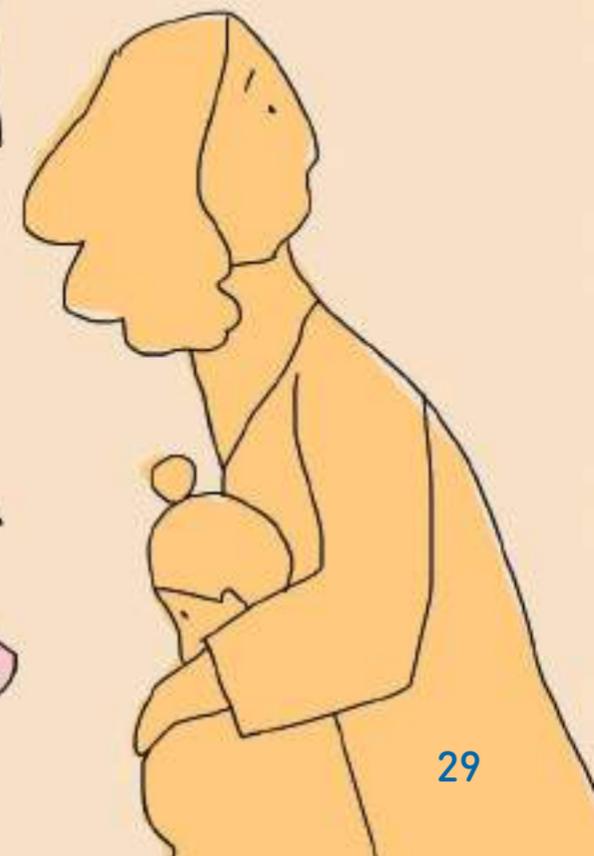
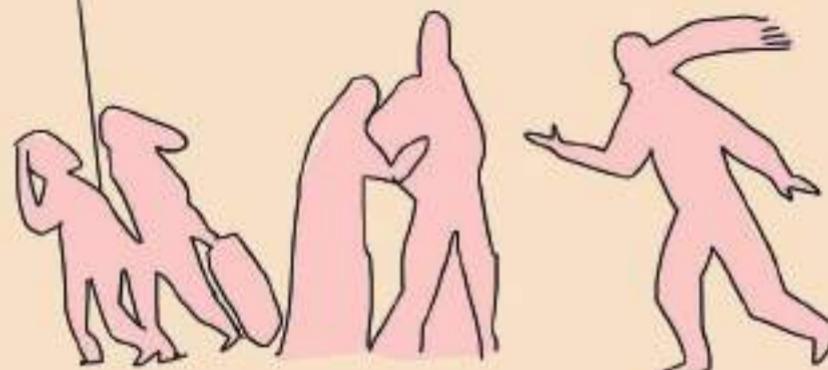
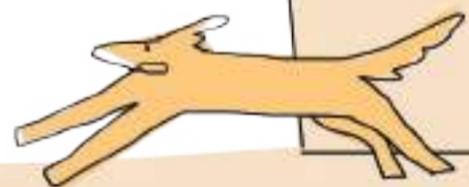
Essa coisa de país é bem estranha,
os adultos dividiram a Terra em
desenhos e inventaram os nomes
de países. Para que fizeram isso?

O planeta não deveria ser de todas
as pessoas e de todos os animais?



Eu não quero assustar vocês,
mas se algum dia ouvirem a palavra
guerra, é hora de ir embora.
E foi o que fizemos.

Os adultos começaram a falar em
guerra. Mamãe, Papai, os tios e as
pessoas que ficam dentro da televisão
só falavam sobre isso.



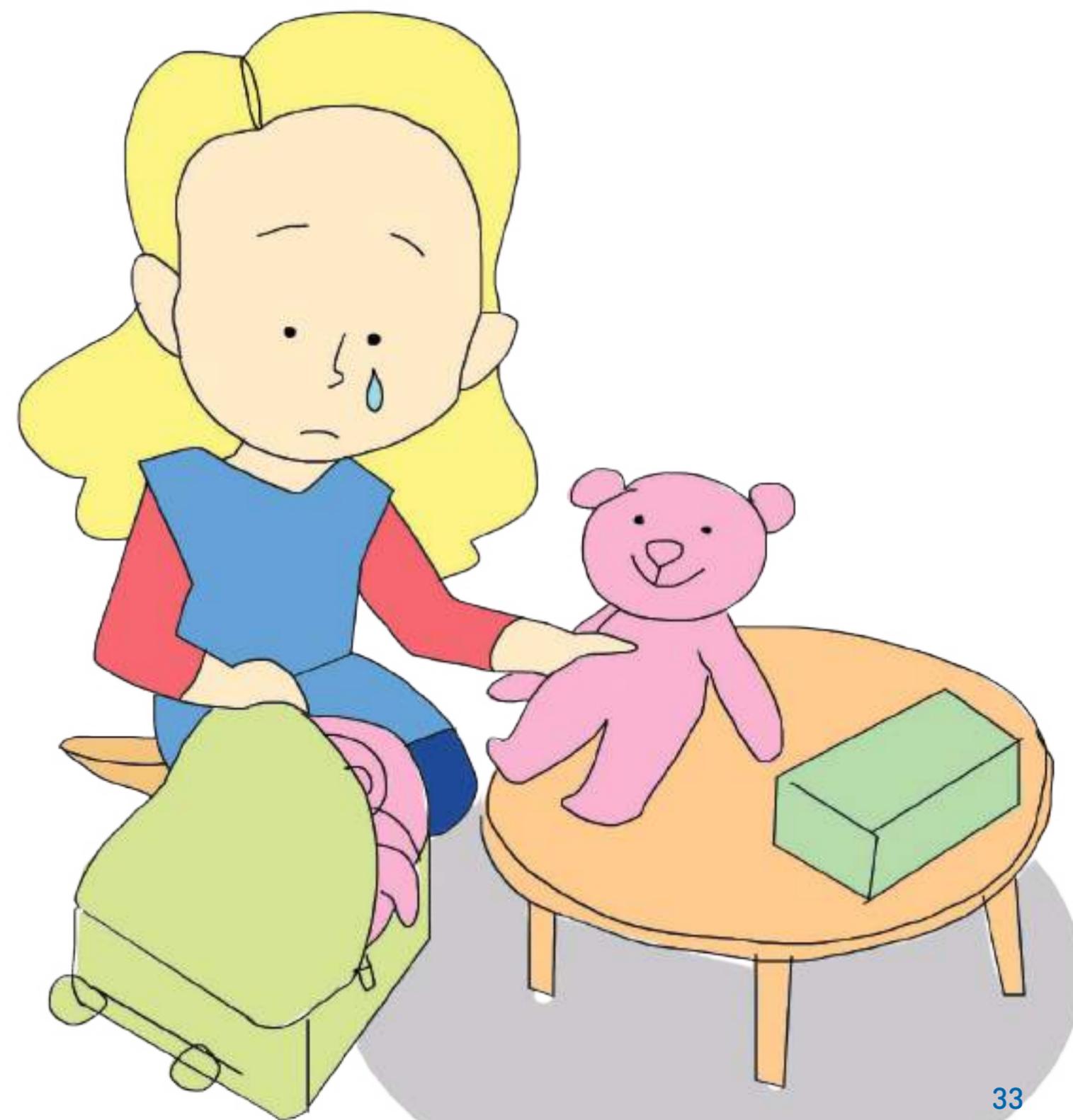
O dono do país vizinho queria que o nosso desenho passasse a ser dele. O problema é que os adultos que moram aqui não concordaram e começou uma grande briga.

Mas briga de adulto é muito pior que briga de criança. Eles usam carros grandes, armas que podem matar e aviões.



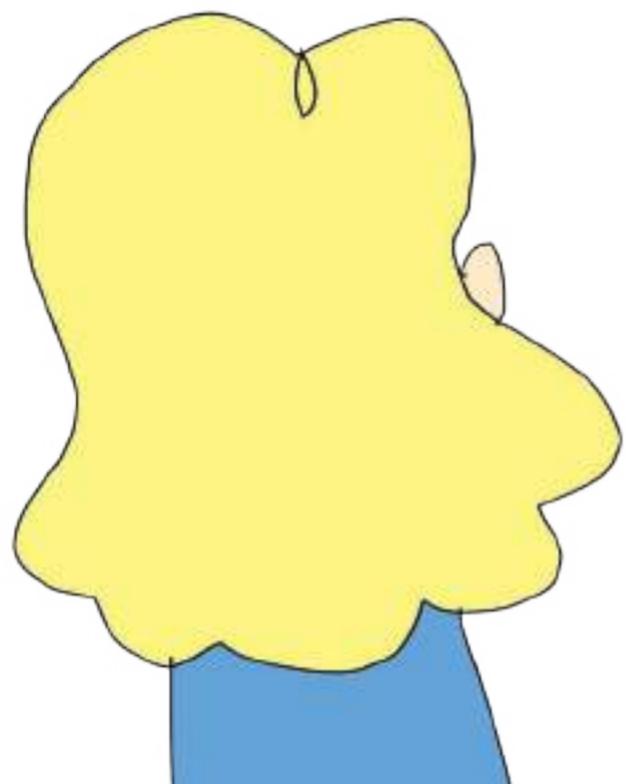
É assustador, triste e horrível. Não foi para isso que viemos para a Terra. Será que os adultos se esqueceram?

Papai começou a fazer nossas malas e dizia que tínhamos que ir embora rápido. Minhas irmãs maiores guardavam as roupas e eu ganhei uma mala de mão com rodinhas para levar todos os meus brinquedos que coubessem nela.



Mamãe estava meio devagar,
então foi minha tia quem arrumou
as nossas malas.

Eu não lembro bem, porque aqueles
dias foram confusos e a viagem foi
uma mistura de alegria e tristeza.



Os adultos sabem ficar alegres e tristes ao mesmo tempo e era assim que os meus pais estavam.

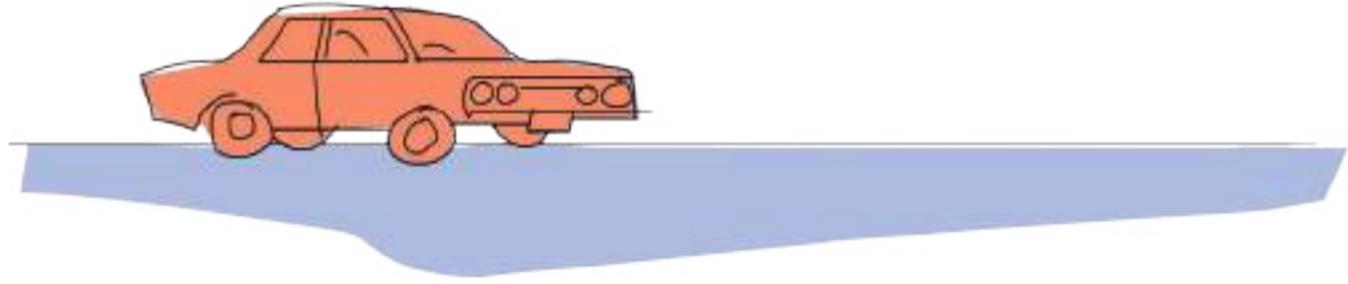
Alegres por termos conseguido sair da guerra, e tristes por deixar nossa casa, amigos, vida, trabalho, escola e tudo o mais para trás. E, no meu caso, além de tudo isso, eu deixava minha Árvore-Madrinha no jardim.



Um montão de gente no nosso bairro também estava indo embora, carregando malas, mochilas, algumas crianças levavam brinquedos...

O que eu não entendi era porque tanta gente do mesmo bairro estava indo embora, mas cada um para um lugar diferente. Por que todas as famílias que estavam saindo da nossa cidade não combinaram de ir para o mesmo lugar? Eu perguntei, mas ninguém me respondeu.





- Vou levar vocês até a fronteira e volto.
- Por que não vamos para o campo, na casa da tia Cristina?
- Você sabe que é mais seguro sair. Elas são crianças e não precisam passar por isso.
- Tenho muito medo de ir sem você.

Eu entrei no quarto deles.

- Mamãe, eu, Tathiana e Irina iremos com você. Não precisa ter medo. Os dois riram.

A partir daí foi uma grande confusão. Depois de três dias horríveis, chegamos à fronteira com a Polônia. Fronteira é uma linhazinha que os adultos inventaram para dizer onde termina um país e começa o outro.

Papai me abraçou e começou a chorar. Minhas irmãs choraram e minha mãe também. Até o amigo do Papai que estava conosco chorou. Eu não. Eu me lembrei do que Fada Sofia me disse no último dia pêssego.



- Quando os adultos estiverem muito tristes, lembre de usar teus superpoderes.

- E quais são os meus superpoderes?

- Você sabe, teu cérebro tem poderes de pensar positivamente mesmo nos piores dias. E, aonde quer que você vá, vai encontrar a tua Árvore-Madrinha. Pode não ser um pessegueiro como o teu em Kiev. Procure. Sempre haverá uma Árvore-Madrinha te esperando.

- E se eu não a encontrar?

- Eu aparecerei para te mostrar!

Quando eu soube que Fada Sofia estaria aonde quer que eu fosse, fiquei mais tranquila. E então falei:

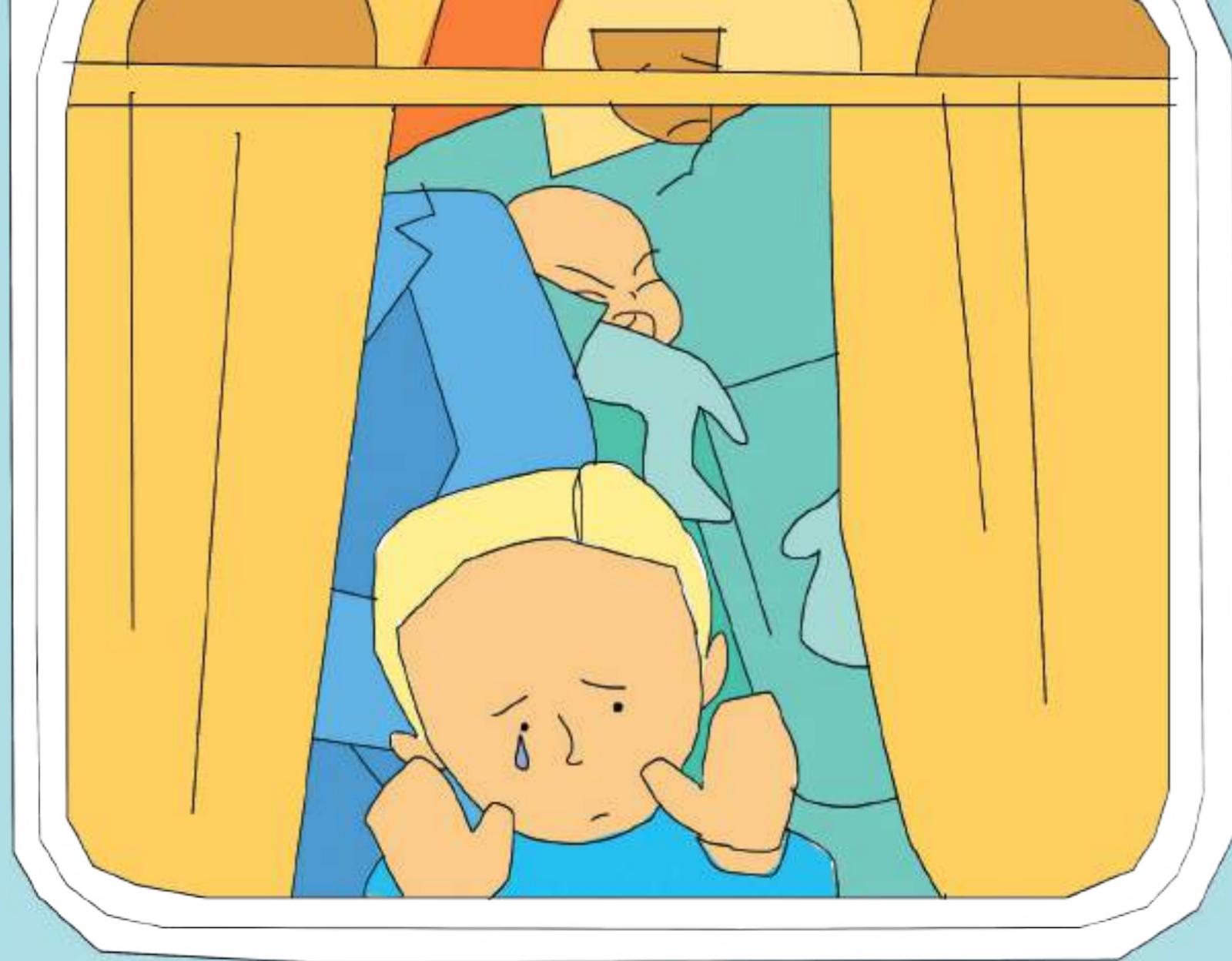
- Mama, Papa, fiquem calmos. Em qualquer lugar do mundo encontraremos nossa Árvore-Madrinha.

Funcionou, eles pararam de chorar e riram!



Entramos no trem e dormi. Fazia frio e, por mais que me lembrasse de Fada Sofia, eu sentia medo.

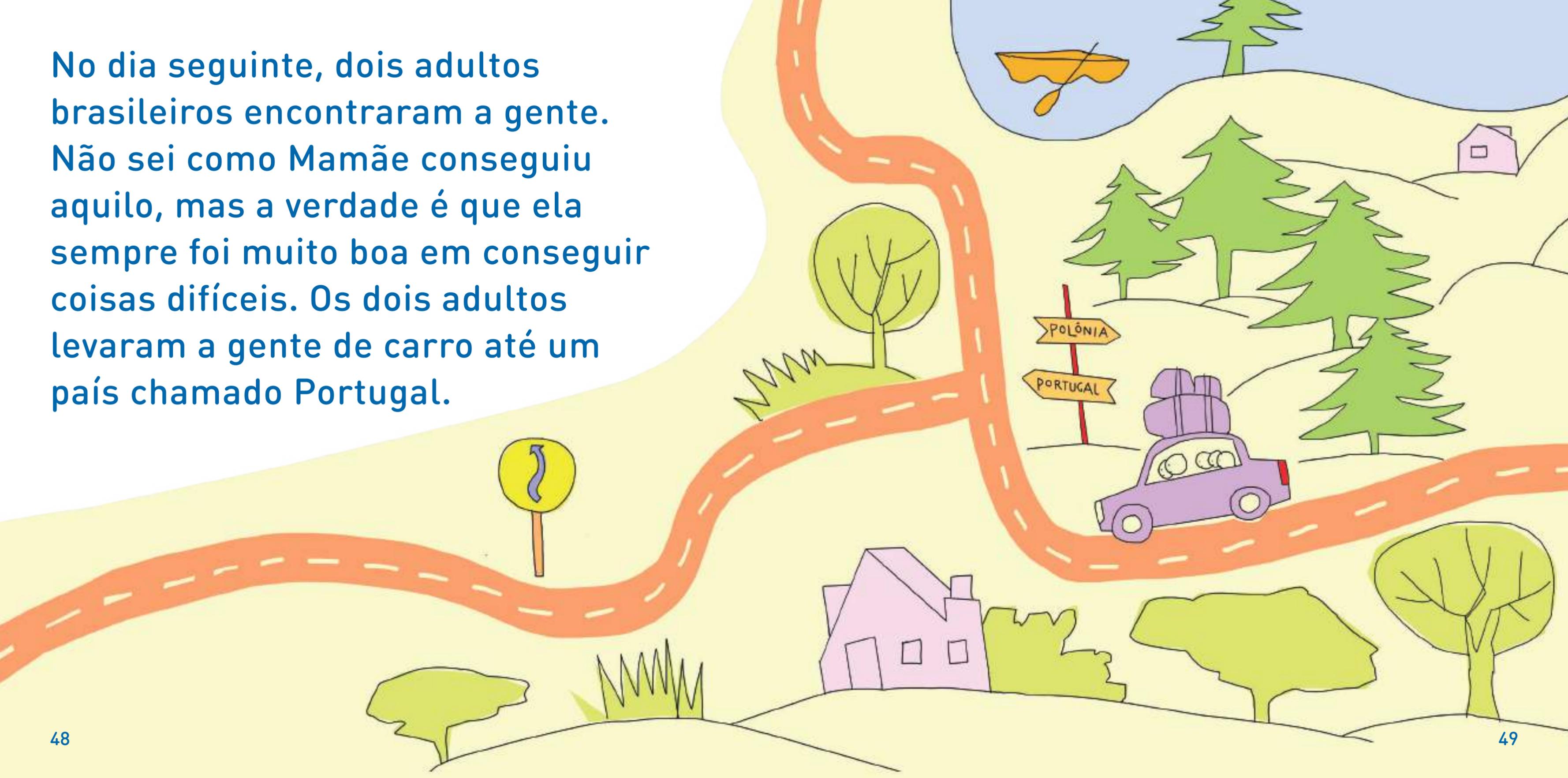
Você já viajou de trem? Eu adoro viajar de trem, mas naquele dia eu não gostei. Mamãe estava triste, tinha um montão de gente dentro do trem e todo mundo tinha cara de medo.



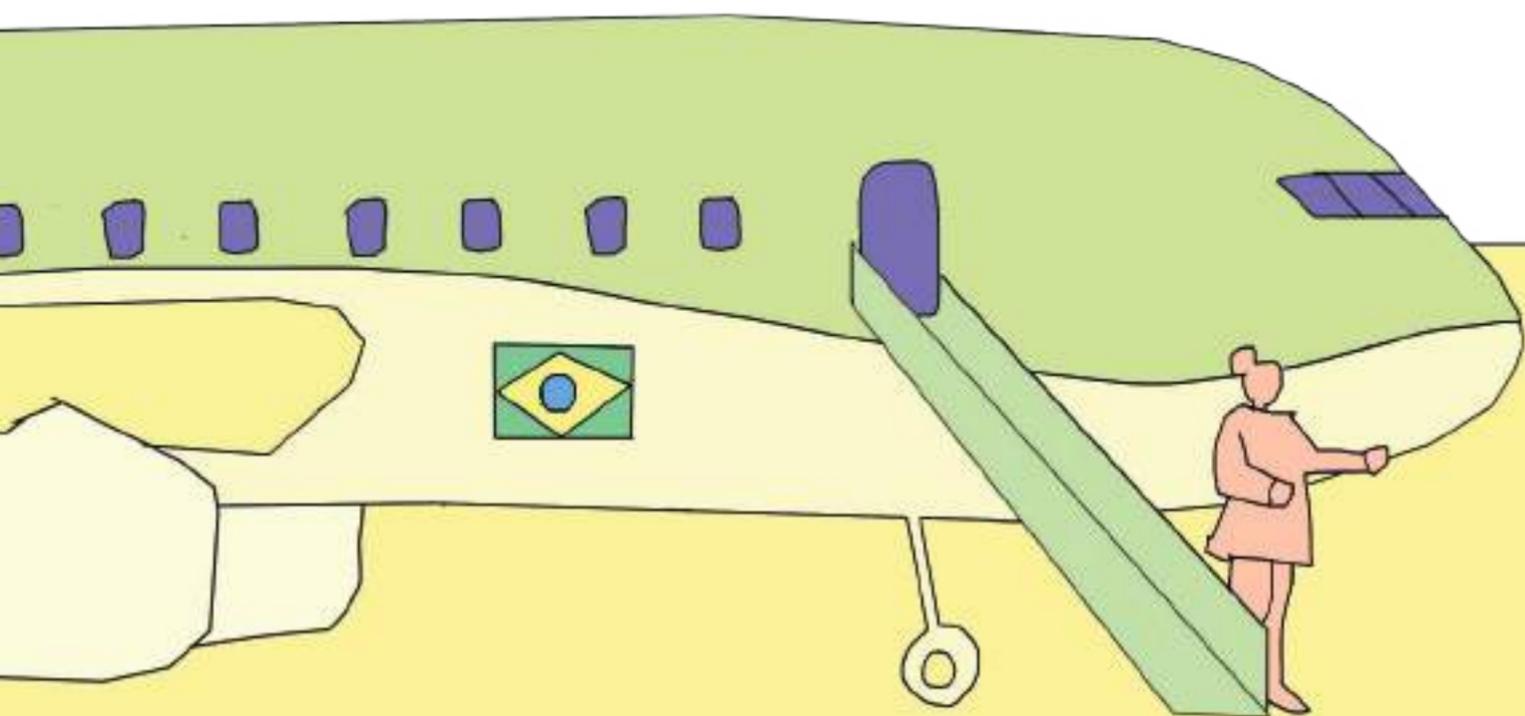
Quando o trem finalmente chegou, teve uma longa, longa e longa fila para passar pela tal fronteira. Mamãe respirou aliviada quando entramos na Polônia. Ganhamos comida, cobertores e um lugar para dormir.



No dia seguinte, dois adultos brasileiros encontraram a gente. Não sei como Mamãe conseguiu aquilo, mas a verdade é que ela sempre foi muito boa em conseguir coisas difíceis. Os dois adultos levaram a gente de carro até um país chamado Portugal.

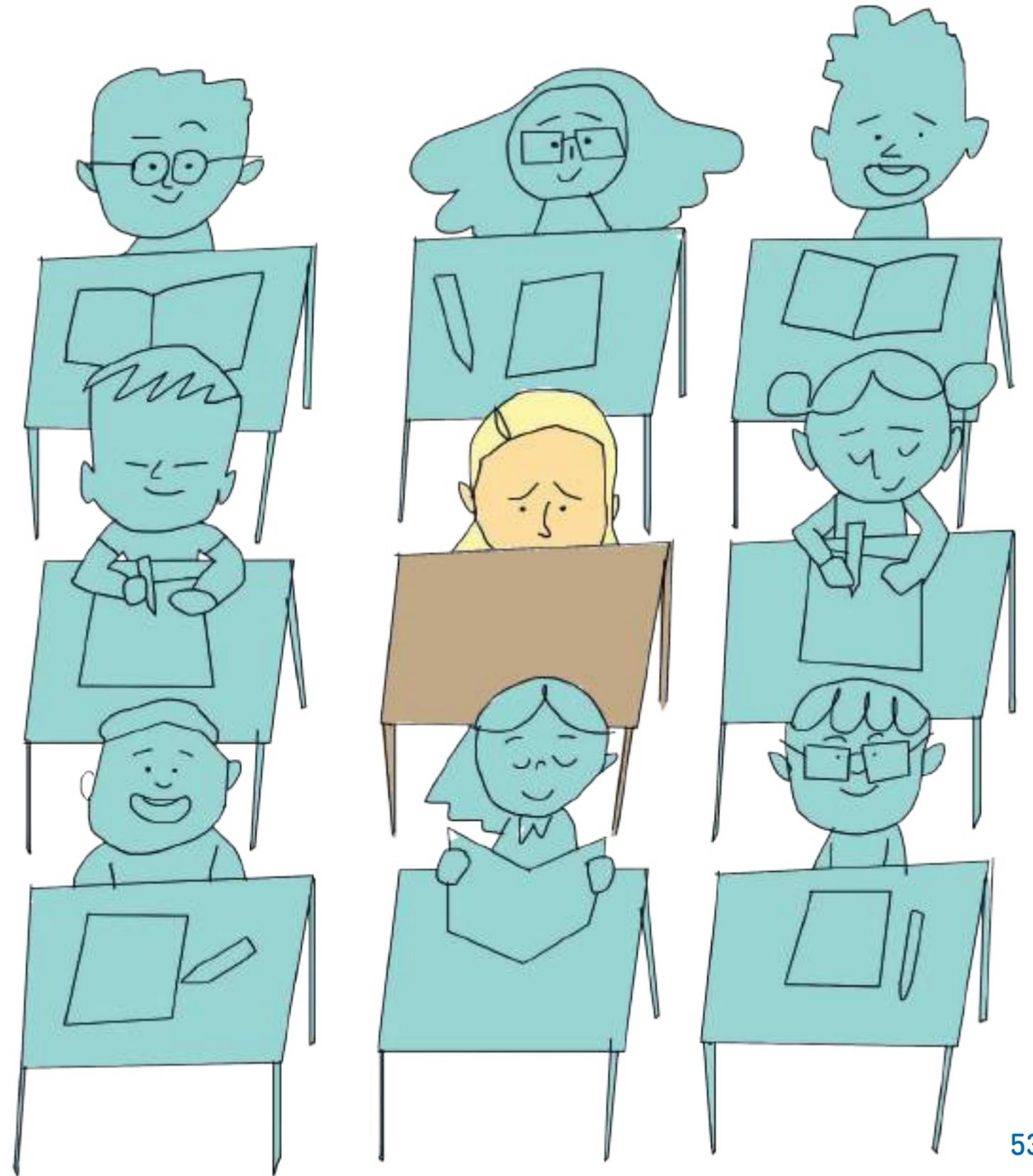


Lá não tinha guerra, ficamos na casa do tio Pedro, que dirigiu o carro. Ele me levou para ver o mar. E uns dias depois era a última viagem: o avião para o desenho-país chamado Brasil.





Eu tenho medo da escola porque não entendo o que as pessoas falam. Minha mãe diz que preciso ir para escola, porque todas as crianças têm um mundo para aprender, e aprender é uma das melhores coisas da vida.



No lugar que eu morava, ia para a escola com amigos que eu conhecia desde que era bem pequena. Lá, eu gostava da escola porque brincava com os meus amigos.

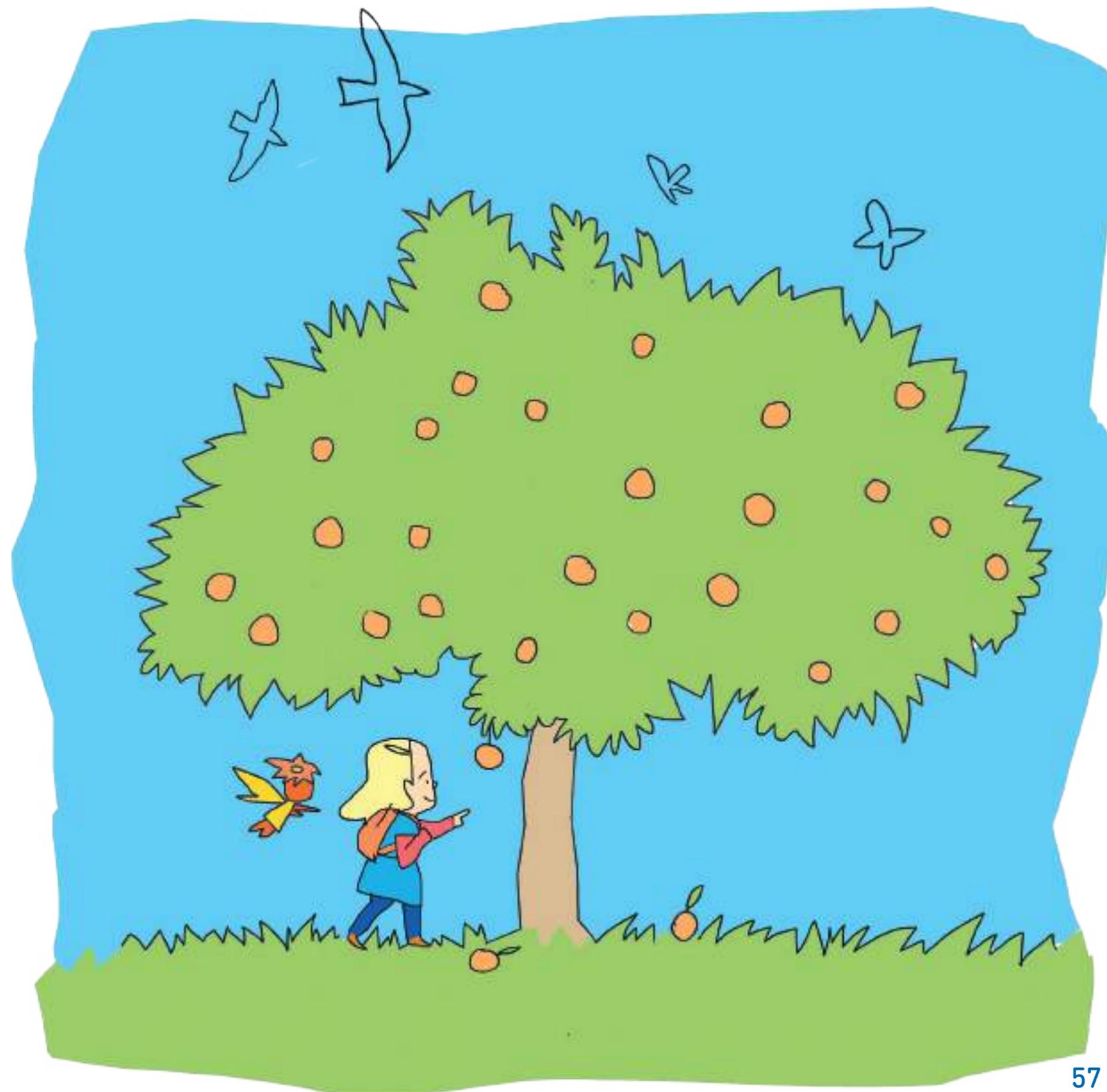
No primeiro dia de aula, Mamãe falou para eu ficar tranquila porque os professores sabiam que eu não falava português, a língua deles.



Eu não gostei da escola porque não entendi nada. Pedi para Mamãe para ficar em casa.

- Nem pensar. Todas as crianças devem ir para a escola. Aprender é maravilhoso!

Aqueles primeiros dias foram horríveis. A única parte boa é que Fada Sofia apareceu e me apresentou minha nova Árvore-Madrinha! Uma Laranjeira que mora no fundo do pátio da escola.

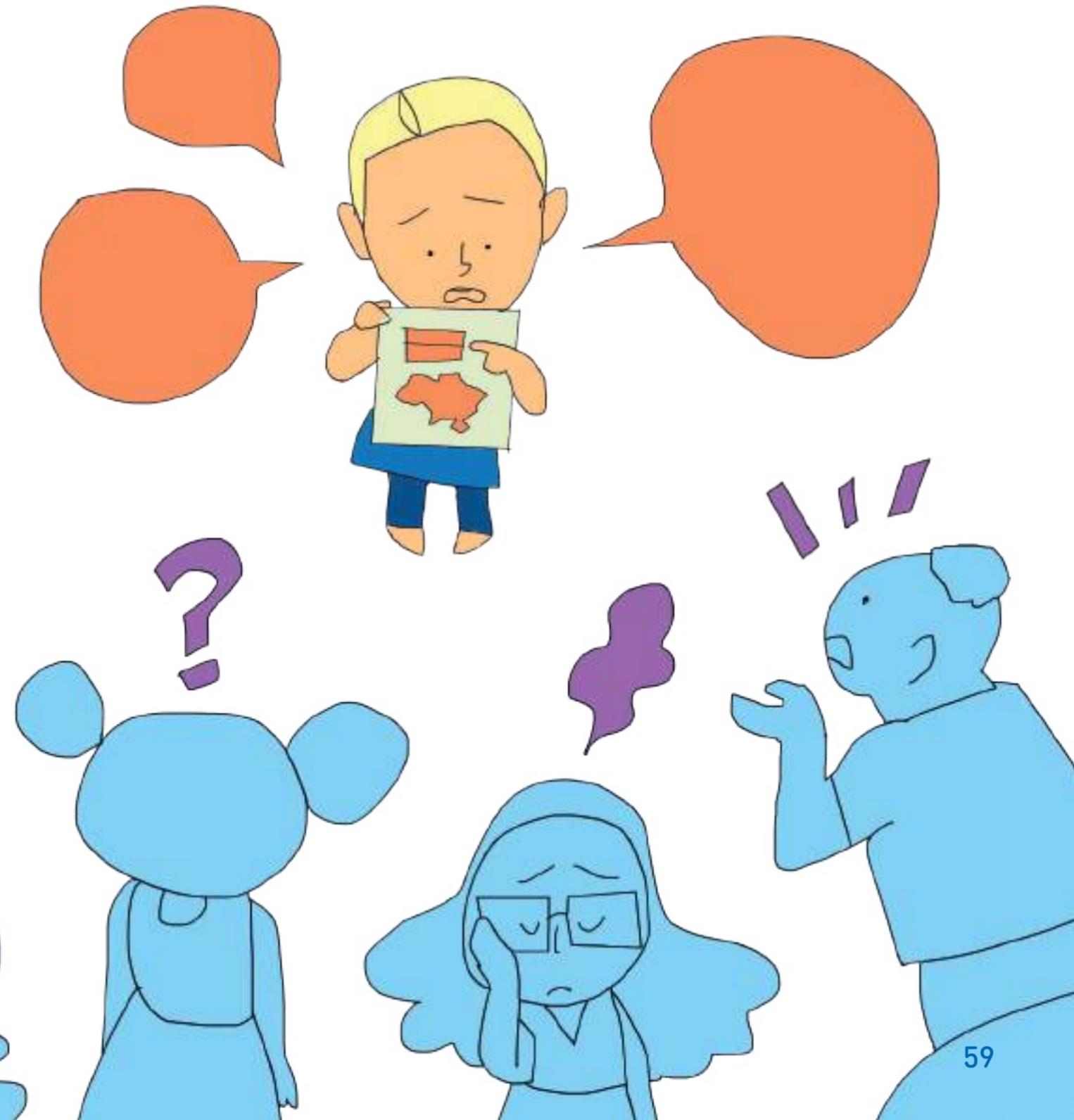


Minha mãe é muito alegre. É professora de universidade, ama ler, estudar e aprender. É difícil discordar dela, ela sempre encontra uma solução.

- Mamãe, para que serve uma escola se não entendo nada?

- Um dia você vai entender! Peça ao seu cérebro para imaginar: você está na escola e entende tudo. Eu te prometo que isso vai acontecer.

- Quando? Eu não sei como fazer amigos porque eu falo e eles não entendem nada.

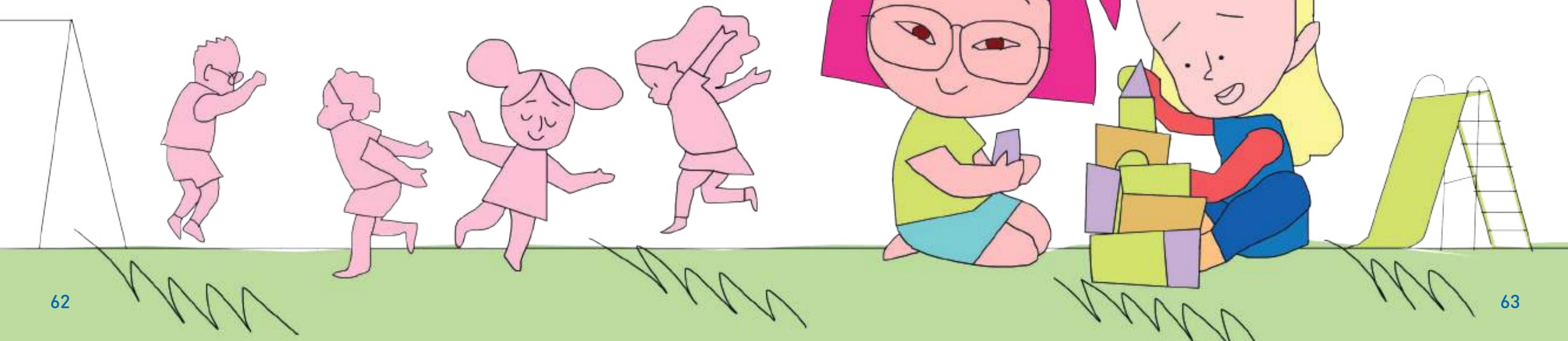




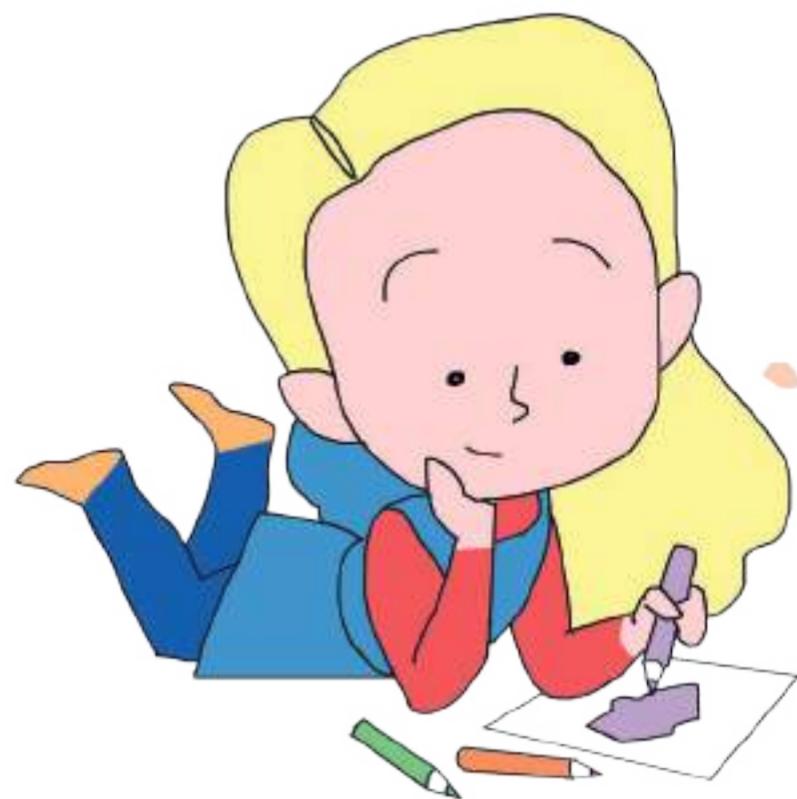
Quando estou triste e sozinha na escola, Fada Sofia aparece. Ela sempre tem uma solução. Fada Sofia me levou para brincar com uma menina que não sabe falar português direito.



Ela nasceu aqui, mas tem um cromossomo extra e por isso demora mais para aprender a falar. Ela se chama Carolina. Eu logo entendi que Carolina sabia brincar comigo porque está acostumada a brincar sem que seus amigos a entendam. Agora a gente brinca no recreio e eu gosto da escola.

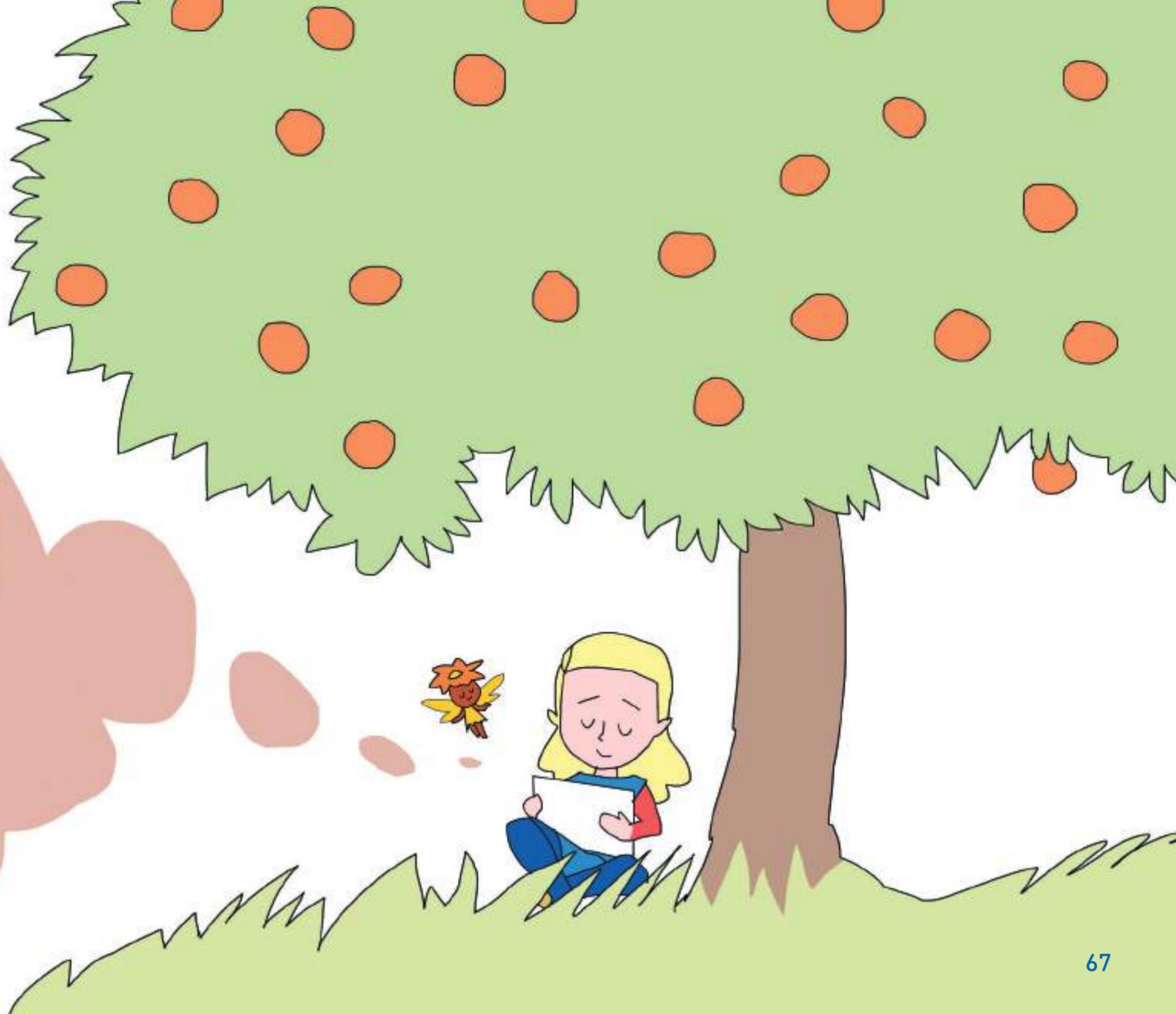


A guerra na nossa casa continua e o Papai só pode vir quando ela terminar. Então eu rezo para a guerra terminar logo. Quando o Papai chegar, eu vou ensinar português para ele.



Fada Sofia me contou que vai chegar
o dia que a guerra vai acabar.

Rezo para esse dia chegar logo!





Conheça a Coleção!

